

A lua não me seguiu...¹

The moon hasn't followed me...

*Regina Celi Bastos Lima**

Resumo: O artigo fala sobre uma experiência de onipotência semelhante a um sonho delirante vivida por uma criança bem pequenina. Reinava no universo da completude narcísica. O texto reflete também sobre o sofrimento psíquico que envolve o afastamento desse encantamento ao encontrar a realidade. Um recolhimento narcísico se fazia necessário. Freud nomeava essa experiência de “coerência narcísica” (NICÉAS, 2013). O texto aborda ainda questões relativas à alteridade dando destaque ao ressentimento.

Palavras-chave: Ferida narcísica. Ilusão/Desilusão. Alteridade. Realidade. Ressentimento.

Abstract: *This article is about an omnipotence experience like a delirious dream lived by a very small child. Reigned in the universe of narcissistic completeness. The text also reflects the psychic suffer that involves the departing of this enchantment when finding the reality. The pick up on narcissistic would be necessary. Freud named this experience as “narcissistic coherence” (NICÉAS, 2013). The text deals with questions related to otherness highlighting the resentment too.*

Keywords: *Narcissistic wound. Illusion/Disillusion. Otherness. Reality. Resentment.*

¹ Este artigo foi apresentado em novembro de 2017 na abertura da Jornada do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

* Psicanalista, membro efetivo do CPRJ.

Quando esse título emergiu em minha mente, encontrava-me tomada por uma experiência de não-integração. Não sei por quanto tempo fiquei olhando para o tema “O Campo dos Afetos: Fontes de Sofrimento, Fontes de Reconhecimento”, essa proposição tão sensível escolhida para o estudo do ano 2017 no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Tentava refletir no que falar para vocês, mas algo me inquietava e, de repente, uma avalanche de sentimentos e de pensamentos me inundou. Uma forte lembrança me invadiu e eu era uma criança...

Teria por volta de sete anos e vivia uma experiência de encantamento mesclada com uma espécie de medo. Havia uma sintonia entre eu e a lua. Eu andava e ela estava lá acima de mim. Eu andava mais e ela me seguia. Eu corria e ela continuava lá, acima de mim. Não sei porque, não contei para ninguém. Guardei esse segredo por muito tempo. Vivia uma arrebatadora experiência de onipotência. “Da mesma forma que Freud entendia o sonhar como sendo o nobre caminho que leva ao inconsciente, Winnicott via o brincar como o portão de entrada para o inconsciente” (ABRAN, 2000). O brincar favorece também o trânsito para a realidade externa. O brincar, assim como os sonhos, tem também a função de uma autorrevelação – “a lua me acompanhava!”.

Sentia um desejo enorme de entregar-me a esse sonho “delirante”. Um sentimento de grandeza me encantava, mas ao mesmo tempo uma sensação de estranhamento se avizinhava. Eu me retraí. Lembrando Freud, um recolhimento narcísico se fazia necessário. Naquele momento eu precisava afastar de mim qualquer coisa ou pessoa que fosse diminuir a minha ilusão de ter criado a minha lua – eu era a lua e a lua era eu – vivia a completude narcísica. Freud nomeava essa experiência de “coerência narcísica” (NICÉAS, 2013). Como foi difícil e sofrido renunciar à onipotência que levava a me sentir um astro!

Passo a passo, sustentada por um ambiente amoroso familiar, a precariedade inerente da magia reinante e o sentimento de poder controlar os objetos da realidade foi esmorecendo. O estranhamento foi se transmutando numa realidade que eu queria negar – “o universo não estava nem aí para mim!” A desilusão foi grande... “A lua não me seguia...” Ela me causou uma grande dor (humilhação, raiva, ódio). Raiz de um ressentimento? Questão que estenderei mais adiante. Na continuidade do meu processo de amadurecimento, fui me sentindo bem pequenininha, um pontinho diante da grandeza e da distância real inalcançável de qualquer astro do Universo. Lutava, a partir daí, para legi-

timar o movimento paradoxal de ilusão e desilusão que impulsionava o meu viver. Esta junção me ajudava a assumir, com certo sofrimento, os riscos da incompletude, da falta. E, como diz Caetano Veloso: “Cada um sabe a dor e a delícia de se ser o que é”.

As músicas e as poesias da época me intrigavam, pois falavam, repetidamente, dos astros e da “minha lua” de forma romântica e com total intimidade. Meu sentimento era ambíguo: uma irritação, com os autores, pela ousadia da intimidade que mostravam ter com a “minha lua”, mas aliviada com o aval dado pelos adultos ao meu redor, que me ajudaram, dessa forma, a colocar os dois pés na “terra”, e descobrir, passo a passo, a realidade de forma criativa. Lembrando Winnicott, passei a cantar e a dançar, usando as músicas oferecidas pela arte em nossa cultura. Comecei a transitar num território intermediário, no inter-jogo da área transicional, entre minha realidade psíquica interna e o mundo externo, conforme percebido pelos outros. Tentava, assim, preservar minha imaginação criativa e dar sentido às experiências intensamente vividas.

A LUA É DOS NAMORADOS

Armando Cavalcanti, Brasinha e Klécus Caldas

Todos eles estão errados

A lua é dos namorados

Todos eles estão errados

A lua é dos namorados

Lua, oh lua

Querem te passar pra trás (tentativa de afastamento do narcisismo primário)

Lua, oh lua

Querem te roubar a paz.

Lua que no céu flutua

Lua que nos dá luar

Lua, oh lua

Não deixa ninguém te pisar

UM PEQUENINO GRÃO DE AREIA

Marino Pinto e Paulo Soledade

*Um pequenino grão de areia
Que era um pobre sonhador
Olhando o céu viu uma estrela
E imaginou coisas de amor*

*Passaram anos, muitos anos
Ela no céu e ele no mar (no campo dos afetos brotou a possibilidade
Dizem que nunca o pobrezinho do encontro com o outro)
Pôde com ela se encontrar*

*Se houve ou se não houve
Alguma coisa entre eles dois
Ninguém soube até hoje explicar
O que há de verdade
É que depois, muito depois
Apareceu a estrela do mar*

PRECE AO SOL

Jorge de Castro e Wilson Batista

*Oh Sol,
Porque és o rei dos astros
Por que tens tanta luz?
Iluminas o mar e a montanha*

*Oh Sol,
A Lua não me deu ouvidos
Não quis matar a saudade (A desilusão; a falta possibilitada pela ilusão vivida)
Esta sombra que me acompanha*

*Oh Sol
Sei que todas as manhãs
Tu beijas o rosto dela*

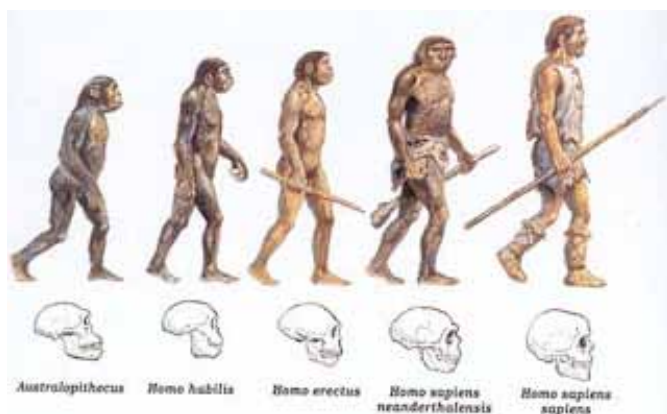
*Oh Sol,
Por favor, diz a essa mulher
Pra não pensar mais em mim
E eu não pensarei mais nela...*

A partir daí a curiosidade veio fazer parte de minha vida com muita intensidade. Ficava atenta ao céu, procurava ouvir as conversas dos mais velhos sobre o assunto e as notícias sobre o universo, querendo saber de onde viemos, para onde vamos, quem somos? (Até hoje!) Sabemos que esse é um desejo milenar que habita o imaginário da maioria dos seres humanos. O universo e suas leis sempre intrigaram os cientistas estudiosos de astronomia. Na Antiguidade Clássica, por volta de 160 d.C., Cláudio Ptolomeu, a partir de observações já feitas por Aristóteles, apresentou, orgulhosamente, um sistema cosmológico geocêntrico com um grande modelo geométrico do sistema solar – a Terra no centro do Universo e os outros corpos celestes, planetas e estrelas orbitando ao seu redor.

Cerca de 1.500 anos depois, no século XVI, o polonês Nicolau Copérnico, médico, astrônomo e matemático, desenvolveu a Teoria Heliocêntrica. Mostrou que a terra não era o centro do universo e que sequer o universo tinha centro. A humanidade perdeu a segurança do cosmo fechado para ser jogada, sem referencial, na agorafobia irre recuperável do universo infinito. Galileu Galilei físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano reiterou a teoria de Copérnico, escrevendo vários livros sobre o assunto. Galileu era cristão e teve sérios problemas com a igreja católica. Foi preso e pressionado pelo Papa a rejeitar as idéias de Copérnico. Esse foi o primeiro doloroso golpe desferido na humanidade – a primeira ferida narcísica. Um grande ressentimento.



A segunda dolorosa ferida narcísica ocorreu em 1838, desferida pelo naturalista britânico Charles Darwin, então estudante de medicina e teologia. Suas investigações biológicas da natureza levaram-no ao estudo da diversificação das espécies, desenvolvendo a Teoria da Seleção Natural. A humanidade soube que não era a suma obra-prima do seu divino criador, mas sim, como todos os seres vivos: tinha evoluído, particularmente, e mais traumaticamente ainda, de um ancestral comum ao homem e ao macaco, o australopithecus. Seus principais livros foram: *A origem das espécies*, *A descendência do homem e seleção em relação ao sexo* e *A Expressão da emoção em homens e animais*. Darwin retira, dessa forma, a aparente superioridade do homem como um ser especial, colocando-o como um simples integrante do reino animal. Suas ideias causaram muita polêmica no mundo científico. Muito ressentimento.



O próprio Freud apontou a psicanálise como a terceira grande ferida narcísica sofrida pelo saber ocidental à medida que ela produziu um descentramento da razão e da consciência. Sem dúvida alguma, a psicanálise derrubou a razão e a consciência do lugar sagrado em que se encontravam. Ao trazer à proeminência o inconsciente na vida psíquica, faz da consciência um mero efeito do inconsciente, provocando também oposições, principalmente, do mundo científico. Acrescento, na minha visão, o campo dos afetos, destacando a dependência e a precariedade do ser humano no início da vida. Ressalto ainda a importância na constituição do ser, o encontro com o ambiente e com o outro.



Retomarei aqui a questão do Ressentimento, afeto importante para refletirmos sobre sua inserção na psicanálise. Penso que necessitamos de uma discussão mais aprofundada sobre o tema. O Ressentimento abrange uma constelação de afetos com os quais nos deparamos, frequentemente, na clínica, nas relações, no social e na política. São eles: onipotência, ódio, raiva, inveja, vingança, necessidade de reconhecimento. Considerando o relato das minhas lembranças, poderíamos supor que as experiências vividas por mim criaram um solo fértil para a emergência de um Ressentimento – acontecera um golpe no narcisismo. Alguns elementos emergiram ali: atribuí à lua a responsabilidade de ter me trazido o mal; não reagi na hora contra a injúria sofrida. Idealizei uma dependência à poderosa lua-mãe, cabendo a ela me reconhecer como especial e zelar pela minha completude narcísica. Só aos poucos fui elaborando minha desilusão, minha raiva e me implicando com o impossível. Por tudo isso, resolvi refletir na pujança desse tema (Narcisismo/Ressentimento) presente em todos os tempos da humanidade, desde a antiguidade até a modernidade. A dor que se expressa nos golpes relatados acima nos assola desde sempre, considerando, claro, as especificidades moldadas pela cultura, sujeita a paradigmas morais, dogmas religiosos, interesses políticos, econômicos e sociais em constantes mutações.



A Metamorfose de Narciso,
Salvador Dalí (1904-1989)



Narciso encantado com seu próprio reflexo, Tela de Caravaggio (1594-1596)

Narcisismo e Ressentimento estão, frequentemente, no imaginário do ser humano. Na psicanálise, lidamos na vida com o fantasma da falta e da incompletude. Na filosofia, Nietzsche, em *Genealogia da moral*, reforça essa ideia dizendo: “nem todos suportam a tarefa de existir. O sofrimento faz parte do homem que é reativo. Nunca termina essa dor... é o re-sentir”, sentir de novo e de novo. Sofre por estar no mundo, por viver, não age e não experimenta o agir. “Algum dia sua dor irá passar, se conseguir encontrar alguma coisa que tenha explicação para tudo, para seu sofrimento e que assim possa encontrar as respostas... Os valores da força ativa foram invertidos pela força reativa” (PONDÉ, 2014).

Inspirada em Nietzsche e Freud, na dedicada e profunda pesquisa feita por Maria Rita Kehl, nas pinceladas sarcásticas do filósofo Luiz Felipe Pondé e nas minhas modestas pesquisas, pois encontrei poucos artigos sobre o assunto, resolvi então conversar com vocês sobre essa parceria Narcisismo/Ressentimento, tema que muito me intriga. O ressentimento não é uma categoria da teoria nem da clínica psicanalítica. Pertence a uma complexidade de afetos que participa do senso comum. Toda e qualquer vicissitude em que os instintos estejam envolvidos servem acima de tudo aos mecanismos de defesa do eu. “Nesse campo, o que diferencia o Ressentimento de outros afetos é a possibilidade de ser acionado por um ato de vontade do eu” (KEHL, 2011).



Nietzsche ampliou o significado do uso da palavra Ressentimento na filosofia alemã. Desenvolveu a ideia de uma fraqueza fisiológica, de uma indigestão psíquica, que também gera um problema social. Ele afirma: “Todos os instintos que não se descarregam para fora se voltam para dentro (a hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, a destruição) contra os possuidores de tais instintos”. Na pequena amostra das ideias de Nietzsche e de Freud, expressadas sobre a alma do ser humano, percebemos semelhanças. Eles foram quase contemporâneos. Lamento Freud não ter lido Nietzsche, lamento esse “desencontro”. Kehl faz um comentário bem interessante a esse respeito: “A afinidade entre alguns aspectos da filosofia de Nietzsche e o pensamento de Freud é tão espantosa que faz sentido supor uma espécie de “resistência” deste último, no sentido psicanalítico do termo, contra uma possível influência nietzschiana” (KEHL, 2011). Toda a obra de Nietzsche foi escrita antes dos primeiros textos de Freud. Nietzsche morreu em 1900, ano da publicação de *A interpretação dos sonhos*.

Trarei agora algumas concepções importantes atribuídas ao Ressentimento para refletirmos e conversarmos à luz da psicanálise. Farei algumas aproximações com o Narcisismo e com a dor vivida nesse momento social e político do Brasil.

Início com uma primeira compreensão do Ressentimento na clínica. O ressentido usa queixas repetitivas evitando o “encontro” com o analista, não se impli-

cando com sua construção subjetiva. O ressentido reconhece seu sofrimento, mas atribui toda a responsabilidade a um outro mais poderoso que ele, suposto agente do mal que o vitimou. Perder a autoestima do eu o aterroriza. Ele espera em silêncio que o reconheçam, ruminando. Espera que reconheçam o valor dele – numa reivindicação sem fala, sem luta, sem ação. Podemos pensar numa busca de unidade que implica a idealização e a relação problemática entre o eu ideal e os ideais do eu. Estamos no universo do narcisismo, com dificuldades inerentes à separação, à perda do objeto que nos impede de se ser o que se é. Kehl complementa: “Ao medir a distância entre sua insuficiência e a perfeição sonhada pelos pais, o ressentido não pensaria: eu me enganei, e sim fui enganado” (KEHL, 2011). Esse é um agravo que o ressentido não esquece, sempre responsabilizando o outro.

A vingança do ressentido ao objeto que o enganou é sempre adiada, pois ele é impotente para reagir aos agravos e às injustiças de imediato. A ruminação exacerba! A vingança imaginada nunca será esquecida. Inicialmente, a raiva e a indignação fazem com que o ressentido se volte contra si mesmo. A posição dele é, aparentemente, passiva. Mas o ressentido não esquece “o mal” que lhe fizeram, é uma resistência própria do narcisismo do eu. Ele está sempre coberto de razão e marcado pelo “purismo”. A culpa e a responsabilidade são sempre do outro. Ele não se implica. Segundo Kehl, “quanto mais os motivos da queixa encontram validação na realidade social a que pertence, mais difícil é fazer com que ele se desloque do lugar de vítima para começar a indagar-se sobre sua responsabilidade e quanto ao que lhe fez sofrer” (KEHL, 2011).

O ressentido não foi capaz de aceitar a separação e perder o lugar de devoção que a mãe lhe dedicava – lugar não conquistado, mas de “direito” dele. Antes de nascer, o bebê já deve representar, na fantasia dos pais, a possibilidade de realização dos ideais infantis de perfeição narcísica, aos quais tiveram que renunciar. Freud assinala que: “A enfermidade, a morte, a renúncia ao prazer e a limitação da própria vontade hão de desaparecer para o bebê, e as leis da natureza, assim como as da sociedade, deverão deter-se ante sua pessoa. Haverá de ser de novo o centro e o nódulo da criação” (NICÉAS, 2013). O ressentido, diante da realidade da vida, considera os pais os primeiros responsáveis, os devedores da unidade narcísica perdida, à qual ele quer sempre retornar, e a sensação de que “fui enganado” o acompanha permanentemente.

O tema sobre o individualismo excessivo e a cultura narcisista, que envolve a sociedade ocidental contemporânea, vem sendo muito falado há décadas, discutido e pensado por profissionais de diferentes áreas como antropólogos, sociólogos, filósofos, psicanalistas, etc. Tema já tão esgarçado, mas que continua soberano, desencadeando junto às mudanças sociais aceleradas, desastres econômicos e políticos, múltiplos sintomas e diferentes

diagnósticos. Fazendo um recorte nessas fontes de sofrimentos, queria levantar essas reflexões sobre o Ressentimento, faceta do universo narcísico, evidenciado nesse sofrido momento político que estamos vivendo no Brasil.



Arrisco-me a colocar o Ressentimento como um representante do nosso mal-estar contemporâneo, tanto a nível individual quanto coletivo. No campo psicanalítico, frequentemente, o Ressentimento se faz presente nas questões relativas à alteridade e continua de diferentes maneiras, ameaçando a convivência entre os homens. Com o ser humano ressentido, diante da possibilidade de um agravo ao seu eu, deflagrado nos relacionamentos amorosos e nas amizades pessoais ou profissionais, o Ressentimento surge como solução e, de maneira submissa, cola-se frente ao outro, que considera poderoso (projeção), esperando proteção para os seus infortúnios. O ressentido reivindica o reconhecimento de seu valor pelo outro, sem argumentar – seu valor deve ser evidente por si mesmo.

No coletivo, no cenário da idealização, os políticos se apresentam como figuras familiares, afetivas, protetoras, e nós os colocamos num lugar de salva-

dores correspondentes aos nossos ideais. Lembro aqui o discurso de Etienne de là Boétie publicado, após sua morte, em 1563, sobre a “servidão voluntária” e ainda tão atual. Inspirados em Kehl vemos que, mais tarde, quando a decepção se efetiva com promessas não cumpridas, com atitudes aviltantes, violentas, uma avalanche de queixas invade os ressentidos, produzindo uma massa de queixosos passivos e apáticos. A dor se torna imensa, pela consciência de não terem agido no momento certo e nem se implicado com a responsabilidade de acompanhar o desempenho de seus governantes. Permanecem, então, na apatia, na ruminação, no Ressentimento (o que fizeram comigo?) tomados de ódio, desejando vingança como forma de uma reação amarga e estéril... mas... permanecem na queixa... na lamúria (KEHL, 2011).

Finalizo com uma questão sobre outro mal estar contemporâneo que, vez por outra, me aflige e que me interessa aprofundar em outro artigo: a imensa quantidade de informações que nos atravessa nos dias atuais, principalmente, pela difusão da internet, encurtando o tempo, mediando precariamente às relações humanas, presentificando a “ilusão do encontro”. Progressivamente, máquinas substituem o homem, contribuindo para a redução de empregos nos mais diversificados segmentos da atividade humana. A tecnologia se expande em velocidade e abrangência inéditas. Tudo parece estar sendo colonizado pela cultura tecnológica: do código genético das espécies à nossa própria necessidade de contato e afeto com nossos semelhantes. Então indago: Seria a “era tecnológica” a quarta ferida narcísica da humanidade?



Regina Celi Bastos Lima
reginacbl@hotmail.com

Referências

ABRAN, J. *A linguagem de Winnicott*. São Paulo: Revinter, 2000.

BOÉTIE, E. L. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Martin Claret, 2017.

KEHL, M. R. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

NICÉAS, C. A. *Introdução ao narcisismo: o amor de si*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PONDÉ, L. F. *A era do ressentimento: uma agenda para o contemporâneo*. São Paulo: LeYa, 2014.